

# Os vínculos, a massa, as manifestações: comunicação e psicanálises

The bonds, the mass, the riots: communication and psychoanalysis

## Potiguara Mendes da Silveira Junior

Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ) e professor associado da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

## Aristides Alonso

Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), professor adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e professor titular das Faculdades Integradas Hélio Alonso (Facha)

### Resumo

Objetivos: situar a teoria da comunicação no campo geral do conhecimento (científico ou outro); tomá-la como ferramenta de estudo, pesquisa e aplicação a uma ampla gama de acontecimentos vinculatorios (além daqueles específicos dos seres humanos); descrever a teoria geral dos vínculos que embasa a Transformática (teoria psicanalítica da comunicação); expor a definição de comunicação decorrente dessa teoria geral dos vínculos; e endereçar sua aplicação a manifestações de “massa” recentemente ocorridas no Brasil.

**Palavras-chave:** teorias da comunicação; nova psicanálise; manifestações de rua.

### Abstract

*This paper aims to: place the Communication Theory in the general field of knowledge (scientific or other); consider it a tool for studying, researching and to be used in a wide variety of communicative situations (not exclusively those involving human beings); depict the general bonding theory which grounds 'Transformatics', the psychoanalytical communication theory; display a definition of Communication derived of this general bonding theory; and address its application to understand some aspects of the riots which have been happening in Brazil since June 2013.*

**Keywords:** communication theories; new psychoanalysis; riots.

## INTRODUÇÃO

A hipótese é: uma teoria da comunicação depende de uma *teoria geral dos vínculos*. A definição de *vínculo* (ligação, laço, elo, liame entre coisas, pessoas, ideias etc.) que ela aplica em suas análises e intervenções dá sustentação a seu arcabouço conceitual e prático. Quanto mais abstrata esta definição, isto é, quanto menos dependente de elementos circunstanciais (conteúdos culturais, construções sociais, crenças, ideologemas, gostos, modas etc.), mais condições tem a teoria de arazoar os sentidos e as intencionalidades adscritas aos processos comunicacionais. Cabe à teoria contemplar o que diversos campos de conhecimento já apresentaram sobre as transações e performances das pessoas, das mentes, do mundo, das pessoas com o mundo e vice-versa. Por exemplo, o que explicitaram mediante termos como “relação”, “influência”, “sugestão”, “transferência”, “hipnose”, “transe”, “possessão”, “fascínio”, “conversão”, “contágio”, “adesão”, “opinião”, “poder”, “memória”, “contato”, “sinapse”, “informação”, “interface” etc. São, todos, termos designativos de acontecimentos que, direta ou indiretamente, podem ser arrolados no conceito genérico de *vínculo*.

Dada a hipótese, este artigo tem o intuito de: (a) situar a teoria da comunicação no campo geral do conhecimento (e não apenas naquele definido pela epistemologia); (b) tomá-la como ferramenta de estudo, pesquisa e aplicação a uma ampla gama de acontecimentos vinculatorios (e não apenas àqueles dependentes da relação sujeito/objeto); (c) descrever a *teoria geral dos vínculos* que embasa a teoria da comunicação aqui considerada; (d) expor a definição de *comunicação* (seus processos, suas formações e resultantes) decorrente desta teoria geral dos vínculos; e (e) endereçar sua aplicação a acontecimentos recentes (manifestações de “massa”). Nesse sentido, temos trabalhado uma teoria psicanalítica produzida no Brasil na década de 1990, que, em mão dupla, postula: a psicanálise é uma teoria plena da comunicação, e uma teoria plena da comunicação é uma teoria psicanalítica.

## RUAS E SHOPPING CENTERS

Começamos já pela exposição do caso a ser considerado: as manifestações que (re)emergiram nas ruas do Brasil em junho de 2013. Uma das primeiras constatações foi o fato de essas manifestações não terem um líder identificável segundo padrões conhecidos (partido político, seita religiosa, sociedade civil). Outra constatação foi o fato de terem sido organizadas on-line, sobretudo através da rede social Facebook e do microblog Twitter.

A onda dessas manifestações em grande escala começou em São Paulo, quando a prefeitura e o governo do estado reajustaram os preços das passagens (ônibus, metrô e trem). A mídia as classifica como *vandalismo*. O efeito cascata não demorou: os protestos se espalharam para outras cidades. No Rio de Janeiro, em 17 de junho, mais de cem mil pessoas ocuparam as ruas. O aumento do número de participantes foi exponencial em todo o país. As manifestações

passaram a ser mais pacíficas, com grande cobertura midiática e maciça participação popular, bem diferente do que ocorrera de início. Dia 20 de junho, aproximadamente 1,4 milhão de pessoas se manifestou em mais de 120 cidades – mesmo após serem anunciadas as reduções dos valores das passagens.

As manifestações[1] ganharam apoio popular após a forte repressão policial. Na ocasião, um vídeo de autoria do coletivo Anonymous[2] foi lançado em resposta à mídia oficial, que enfatizava a falta de reivindicações claras. Nele, são elencados cinco motivos consensuais pelos quais as pessoas estariam se manifestando[3]. Em curto prazo, o vídeo recebeu mais de um milhão de visualizações e teve mais de mil republicações. Assim, as reivindicações se tornaram múltiplas e seguiram um processo semelhante ao já ocorrido em outros países (“Primavera Árabe”, “Occupy Wall Street”, “Los Indignados”).

Foram as maiores mobilizações no país desde que os chamados “caras pintadas” pediram o *impeachment* do presidente Fernando Collor de Mello, em 1992. Em resposta aos protestos, o governo brasileiro se viu obrigado a anunciar várias medidas, e o Congresso Nacional votou em regime de urgência itens (a “agenda positiva”) como: tornar a corrupção crime hediondo; arquivar a Proposta de Emenda Constitucional 37/2011 (a PEC 37); proibir o voto secreto em votações de cassação de mandato de legisladores acusados de irregularidade. Revogaram-se também aumentos recentes de tarifas nos transportes em várias cidades do país.

Em dezembro de 2013, outro acontecimento passou a atrair a atenção da mídia e da população. São os chamados “rolezinhos”: encontros marcados (pela *internet*) por adolescentes, em geral habitantes das periferias das cidades, que buscam diversão, conhecer novas pessoas e “zoar”, no estilo *flash mob*, em ambientes direcionados ao consumo (os shopping centers). Desde agosto, pelo menos, os rolezinhos já ocorriam com certa regularidade em várias cidades, mas ganharam repercussão após tumultos e repressão policial registrados em São Paulo, quando, em dezembro, comerciantes do Shopping Aricanduva, na Zona Leste, fecharam as portas diante de uma agitação seguida de tentativas de roubo. Em outra ocasião, cerca de seis mil jovens ocuparam o estacionamento do Shopping Metrô Itaquera, também em São Paulo, e foram reprimidos. Dezenas de outros jovens entraram no Shopping Internacional de Guarulhos cantando refrões de música funk. Daí os rolezinhos começaram a se espalhar pelo país. Muitos foram agendados para acontecer em várias cidades, acrescidos de manifestações de protesto contra o preconceito racial e a segregação social.

Como as manifestações contra o aumento das tarifas de transporte, os rolezinhos têm se mostrado um movimento difuso que desafia análises de intelectuais e representantes políticos. Eles também contribuíram para reconfigurar o quadro das previsões eleitorais e explicitar o caráter crônico da péssima qualidade dos serviços prestados à população, a impunidade quanto a excessos praticados por políticos, a discriminação social, e, mais importante, deram

visibilidade às mudanças de expectativa de vida dos mais jovens. Ao contrário do que ocorreu nas manifestações de junho, no caso dos rolezinhos, alguns líderes foram identificados de imediato. São organizadores pela internet, logo chamados para reuniões com políticos e representantes de shopping centers. Um deles, MC Chaveirinho, “tem 20 anos, canta funk há 5 e tem 100 mil seguidores nas redes sociais” (GUANDELINE; GAMA; CARVALHO, 2014, p. 3).

Essa descrição sumária dos acontecimentos visa encaminhar considerações sobre os seguintes temas: o líder, a massa e os vínculos que nela se estabelecem.

### DISSOLUÇÃO DOS VÍNCULOS E PSICANÁLISE

Para contextualizar, vejamos o que diz Jean-François Lyotard (1986, p. 20s) sobre uma expressão metódica do saber na primeira metade do século 20. Segundo ele, fez-se uma clivagem[4] esquemática da *sociedade* em dois modelos. Em um, ela é vista como formação de um todo funcional (Talcott Parsons); noutra, como divisão em duas partes (Marx: “A luta de classes e a dialética como dualidade que trabalha a unidade social”). Esta expressão não é mais sustentável: já antes dos anos 1970 os autores detectaram a decomposição das grandes narrativas supostamente organizadoras do mundo e a “dissolução do vínculo social”[5], que se garantiam por um organismo dotado de instituições com forte poder de pressão sobre as coletividades. A partir de então, as coerções do Estado, da família, da escola, do exército e da Igreja se enfraquecem, e as tais coletividades, para além de suas diferenças proletárias e burguesas, capitalistas e operárias, se veem deslocadas para um cenário multiconectado em que, no século 21, as “classes”, todas, queiram ou não, passam a estar planetariamente concernidas e obrigadas a rápidos deslocamentos de papéis sociais.

A referência a vínculos identitários centrados na família já havia perdido muito de sua hegemonia ante os desempenhos decorrentes da chamada Segunda Revolução Industrial, na década de 1880, com a crescente disseminação de formas de convívio desenvolvidas nos ambientes das fábricas, escritórios e centros urbanos. E desde os anos 1970 as pessoas passaram a ter que engendrar suas identidades – isto é, suas ideias de “si mesmo” – em meio a uma terceira revolução, que troca a ênfase na produção e no consumo em massa unidirecionados por uma economia flexibilizada (HARVEY, 1994) baseada em serviços e informações planetariamente dispersos. As posições perdem as durações que lhes eram conferidas anteriormente, tempo e espaço se sobrepõem na telecomunicação e a obsolescência se torna rotineira. Muda, assim, o teor da agonística social, e os vínculos parecem cada vez mais regidos pela transitoriedade, pela fragmentaridade, horizontalidade e simultaneidade. Resulta que, hoje, os jovens, pelo menos, parecem pouco se incomodar com isso, ocupando-se apenas com a rapidez maior ou menor do acesso a informações e estímulos que não param de chegar tecnologicamente, aos quais se ligarão pelo período da duração de seus interesses.

O contexto da indicação de Lyotard nos possibilita incluir a psicanálise e a influência singular que teve nas concepções das identidades pessoais e dos modos vinculares que se formatam desde o início do século 20 segundo a “ideia de um inconsciente pessoal ou dinâmico” (ZARETSKY, 2004, p. 5). São os prenúncios da ação afirmativa de identidades baseadas, entre outras coisas, em modos de existir, como mulheres com vidas e anseios não mais apenas aos dos homens (maridos) ou como homens com preferências e fantasias fora da obrigação de reprodução (papai/mamãe/bebê). É quando a expressão do feminismo (a nova mulher) e da homossexualidade masculina desponta como pioneira de um inédito horizonte, o de uma “vida pessoal” (ZARETSKY, 2004, p. 44).

Mesmo tomando esta serventia da psicanálise na formatação das novas identidades que começam a desfilar suas feições com efeitos que ainda perderam em nossos modos de pensar e agir, há que registrar que ela não escapou de ser a “mitologia” do século 20 (assim como o marxismo foi sua ideologia). Sem o destacamento em seu *corpus* de conceitos rigorosos[6] o bastante para sustentar a base axiomática de um pensamento consequente com os acontecimentos dos anos 1980 em diante, seu arcabouço não deixaria de ficar reduzido a *mitemas* copiados da sintomática social repetitiva da espécie humana (MAGNO, 2006, p. 13s). A própria noção de espécie humana se modificou de modo nunca antes visto, e a ideia de identidade já não mais podia dissociar-se da inclusão cada vez maior de *próteses* (ALONSO, 2012) como uma assumida “segunda natureza”[7], tecnologicamente aparelhada, sem a qual a espécie se via desarmada para desempenhar-se no mundo.

### A PULSÃO, O REVIRÃO E A TRANSFORMÁTICA

Na direção contrária à tendência mitológica mencionada, interessa-nos resgatar e potencializar o que Freud (1976) traz com o conceito de *pulsão de morte*, um impulso ou força constante que ele descobre no psiquismo. Qualifica-o como “de morte” por constatar que o sentido desse impulso é o de sua própria extinção. Hoje, com estudos do conceito e seus desdobramentos já bem avançados, cabe reforçar que a pulsão não se circunscreve ao psiquismo, mas concerne *ao que quer que haja*, ao *Haver* (conceito este que designa o campo do possível e inclui o que vier a haver neste ou em qualquer outro universo) (ALONSO, 2010). A ampliação da pulsão de morte para o conceito único e genérico de *Pulsão* (assim como claramente indicou Freud e reconceituou Lacan) norteou uma grande reformatação da psicanálise nos anos 1980, enfatizando sua aplicação a *todos* os acontecimentos (mentais, cosmológicos, políticos, sociais), retirando-a, portanto, dos limites da ideia de um inconsciente apenas “pessoal” antes mencionada – como, aliás, sempre foi a perspectiva de Freud. A reformatação foi então denominada *Nova Psicanálise*[8] e posteriormente, nos anos 1990, renomeada *NovaMente*.



A nova psicanálise concebe que, em seu desdobrar-se (e não há como impedir sua constância de desdobramentos), o movimento *pulsional* bate de frente com uma radical impossibilidade de se extinguir, de *não mais haver*. Desta impossibilidade absoluta ela extrai uma *Lei* genérica: *Haver desejo de não Haver* (A→Á). Neste enunciado, temos ao mesmo tempo a *requisição de não haver* e a *impossibilidade de sua consecução*, pois o “não Haver”, como o nome diz, não há de fato, só há como nome. Além disso, resulta dessa impossibilidade de passagem à extinção uma operação que a nova psicanálise chama de *revirão*[9]. Ou seja, como o movimento pulsional chega a um ponto extremo e inultrapassável (Á), isto o faz revirar sobre si mesmo. Neste reviramento, *indiferenciam-se*[10] as polaridades das formações que nele estão em jogo e elas se veem levadas a “retornar” – entre aspas, pois nunca saíram – ao Haver (A). O que há, então, são *Formações do Haver* desempenhando-se numa agonística sem saída possível do Haver. Ou seja: a aparência de niilismo é, na verdade, uma condenação à existência.

Dado isso, a nova psicanálise vem propor uma *teoria do conhecimento*: a *Gnômica* (MAGNO, 2003b, v. 1, p. 96; 2003a, p. 59-95). É um campo de estudo e pesquisa sobre as condições e desempenhos da produção do conhecimento de *qualquer* ordem, não apenas aquele oriundo da produção científica, como enfatizam as epistemologias. A gnômica visa mapear *todas* as ocorrências do conhecimento (suas relações, transformações, adequações e encaixes). Ocorrências estas que, como veremos, serão operadas segundo uma *teoria polar* centrada no conceito geral de *formação*. O que nos interessa diretamente é que o modo de operação da gnômica, denominado *Transformática*, é proposto como *teoria psicanalítica da comunicação*. Seu objetivo é: descrever, acompanhar e intervir nos processos de coleta e arquivamento das vinculações, transposições e jogos das formações (MAGNO, 2000, p. 391-428; 2004).

### OS VÍNCULOS RELATIVOS, OS RECALQUES E O VÍNCULO ABSOLUTO

Em sequência, então, ao que foi dito sobre a pulsão e a imanência das formações ao Haver, entende-se que é dentro desta, digamos, implacável imanência (pois não há o “fora” do Haver, no entanto requerido por um Desejo Transcendental) que se produzem e sobrevivem os vínculos. Considerando-se também que o que quer que compareça no campo do Haver força à vinculação[11], como supõe outro conceito freudiano importante, o de *transferência*, concebem-se como *relativos* os vínculos produzidos no âmbito das rotinas do mundo, com suas oposições e diferenças (macho/fêmea, noite/dia, ocidente/oriente). São vínculos dependentes das formações que a nova psicanálise chama de *primárias* (naturais, somáticas, etológicas) ou *secundárias* (culturais, simbólicas, neoetológicas), as quais, mesmo as secundárias sendo mais permeáveis, se mostram reativas, resistentes e embargadoras das tentativas de mutação em qualquer coisa diferente delas mesmas.

Mas há um tipo de vínculo não relativo, chamado *vínculo absoluto*, que se depreende por via da referência ao movimento pulsional. Nele, para aquém e além da oscilação entre formações opostas observadas no decorrer da história dos pensamentos ocidental (mente/corpo, por exemplo) ou oriental (yin/yang, por exemplo), o que ocorre é a *suspensão* das oposições, ou seja, a possibilidade de *indiferenciação* mencionada que os humanos portam como distinção para com os demais vivos (MAGNO, 1994, p. 9). Uma vez, então, que o vínculo absoluto é o que especifica o humano, a nova psicanálise considera que todos da espécie se vinculam não entre si[12], mas absolutamente ao fato de estarem *condenados* a realizar seus desempenhos numa mesma situação de imanência sem transcendência possível, embora esta transcendência seja requerida o tempo todo de dentro da imanência.

A referência à lei pulsional – Haver desejo de não-Haver – relativiza necessariamente qualquer conteúdo dos vínculos primários e secundários ante a única diferença que importa, aquela intransponível entre Haver e não-Haver (A/Ā). A grande massa dos *recalques* que caracteriza o cotidiano dos vínculos relativos é que impede nossa referência “indiferenciante” de ser operativa com mais frequência, e, portanto, que a força da pressão (e da opressão, sobretudo) desses vínculos possa ser modulada (portanto, ter chances de ser minorada) pela referência ao *vínculo absoluto*. Para a transformática, então, é mediante a referência a este vínculo absoluto que é possível destacar tanto os níveis de recalque em vigor em qualquer situação quanto as possibilidades de novos modos de vinculação e de intervenção – política, inclusive – nos acontecimentos das pessoas e do mundo.

Temos, portanto: (a) a vinculação absoluta, revirante e indiferenciante; (b) a vinculação secundária, que pode propiciar uma suspensão das oposições como condição para as criações e invenções culturais da espécie, mas que também pode ser *neotológica* (quando conaturaliza os resultados criadores, isto é, quando os des-historiciza e reduz a mera imitação e repetição dos automatismos espontâneos do âmbito das vinculações primárias[13]); e (c) as vinculações primárias em estado bruto, que são etológicas propriamente ditas e somáticas.

#### A TEORIA POLAR, O CONHECIMENTO E A TRANSA DAS FORMAÇÕES

Uma vez que o conceito de *pulsão* é o articulador geral da teoria psicanalítica e a operação do *revirão* é destacada como básica no funcionamento do Haver, a nova psicanálise toma o que quer que se manifeste no Haver como emergências *artificiosas*, sejam emergências espontâneas, que estão aí desde sempre, sejam industrialmente produzidas. E mais, estas emergências (espontâneas ou industriais) são consideradas *formações*, isto é, coalescências resultantes da partição que acontece diante da impossível realização do revirão último (aquele entre Haver e não-Haver).

*Formação* é um conceito da *teoria polar das formações* que a nova psicanálise vem desenvolvendo junto com sua teoria do conhecimento, a gnômica que mencionamos antes. Para esta teoria polar, o que há são

formações. Mesmo gente, humanidade, nossa espécie, são formações. Estas são, entretanto, chamadas *idioformações*[15] porque, além de características biológicas e comportamentais presentes em muitos dos seres vivos, portam o revirão. Por isso, apenas uma idioformação tem “condições de transpor sua própria formação” (MAGNO, 2000, p. 393), mas sua presença não é necessária para que haja *conhecimento*.

As formações são compostas de aglomerados de formações que *resistem*, mas não têm como impedir o revirão, isto é, o movimento de transformação em outra coisa diferente delas mesmas, ainda que esta transformação leve milênios para ocorrer. Pensa-se, então, em aglomerados de formações *sem fronteiras*, mas que se polarizam e se configuram como formação e como resistência. No *polo* assim concebido, o *foco* pode ser situado, mas não sua *franja*, que é interminável e está intrincada com franjas de outros polos. Por não pensar aplicando fronteiras, a teoria polar supõe que as formações se *co-movem* e podem se acoplar (comunicar) umas às outras, chegando mesmo a se transformar. A *teoria polar das formações* reconhece, portanto, a existência de polos e busca apreendê-los mediante a descoberta de focos e a descrição aproximada da franja (MAGNO, 2000, p. 115).

O que há, então, são Formações do Haver. E o *conhecimento* é entendido como aquilo que resulta de uma *transa*[16] *entre as formações* – outra noção importante da teoria –, incluindo ou não a presença de uma idioformação nesta transa: simplesmente “algo se anota quando algo se dá” (MAGNO, 2003, p. 72). Se o conhecimento se explicita somente com a participação de alguém ou de alguma formação preparada por alguém com este propósito, isto apenas implica a necessidade dessa participação *na explicitação*, “mas não que seja desse alguém a produção” (MAGNO, 2004, p. 75). Vê-se aí um diferencial claro em relação a abordagens de base epistemológica, já que não se pressupõe um *sujeito* diante de algum *objeto* para que haja conhecimento: são, sim, *formações em transa resultando em conhecimento*. Segundo a perspectiva pulsional, é esta *co-moção* das formações que está na base de qualquer processo comunicacional e é dela que decorre a definição de *Comunicação* para a transformática.

### MASSA, MAIORIA...

O preâmbulo teórico expõe os conceitos e raciocínios a serem utilizados nas considerações que proporemos a seguir: a pulsão, o revirão (com seu ponto de indiferenciação), os vínculos (primários, secundários e o originário), as formações (com polo, foco e franja) e o conhecimento (resultante de transas das formações).

Freud, no início do século 20, ao pensar sobre os modos vinculares presentes na “massa” (multidão, grupo, maioria, público, turba, populacho, rebanho), diz que a separação entre psicologia individual e dos grupos não se



mostra com nitidez, pois as relações com os outros jamais podem ser descartadas do estudo do psiquismo de cada pessoa. Suas perguntas são: “O que é então uma ‘massa’, de que maneira adquire ela a capacidade de influir na vida psíquica do indivíduo, e em que consiste a modificação psíquica que ela impõe ao indivíduo?” (FREUD, 2011, p. 17).

Na virada do século 19 para o 20, Gabriel Tarde (1843-1904) distinguiu conceitualmente *massa* ou *multidão* (*foule*) de *público*. Para ele, “a multidão apresenta algo de animal”, é um “feixe de contágios psíquicos essencialmente produzidos por contatos físicos” (TARDE, 2005, p. 6), uma coletividade amorfa e passiva dominada por “interesses materiais” tais como intolerância, egoísmo, irresponsabilidade, perda do sentimento de bom senso etc. Também comparou a massa a um estado de loucura ou de embriaguez caracterizado por uma espécie de rebaixamento mental em relação ao que as pessoas normalmente fazem. Já *público* é o “grupo social do futuro”, que se forma “por um feixe de três invenções mutuamente auxiliares – tipografia, estrada de ferro, telégrafo” e se define como “coletividade puramente espiritual, como uma disseminação de indivíduos fisicamente separados e cuja coesão é inteiramente mental” (TARDE, 2005, p. 5). É assim porque diz respeito, sobretudo, ao compartilhamento de leituras e ideias.

57

Alguns anos antes, Gustave Le Bon (1841-1931) falou da ascensão perigosa das massas (*foules*), que seria uma barbarização progressiva da sociedade (LE BON, 2008). Diz ele que, só por pertencer a uma multidão, “o homem desce vários degraus na escala da civilização. Isolado, ele era talvez um indivíduo cultivado, na massa é um instintivo, por consequência um bárbaro” (apud FREUD, 2011, p. 24). Para Tarde, as multidões são reflexo do passado, constituem a segunda forma mais antiga de coletividade e estão condenadas a ser substituídas pelos *públicos*, os quais se situam num estado evolutivamente superior. Viveríamos, então, na *era dos públicos* e não na *era das multidões*, como defendia Le Bon.

Freud, considerando Le Bon e Tarde, dirá que os vínculos existentes na mente grupal são *libidinais* – isto é, dependentes de relações amorosas (sexuais) –, o que pode ser notavelmente constatado nas ocorrências de *pânico*. Surge aí algo dissolvente da massa, do grupo, uma reação ao relaxamento de sua estrutura libidinal (em relação ao líder), e, juntamente com uma angústia enorme, temos a expressão de um medo insensato e desproporcional em relação ao que o ocasionou (usualmente uma ameaça de perigo) (FREUD, 2011, p. 50-54). Generaliza-se, então, “uma prontidão para o ódio, uma agressividade cuja procedência é desconhecida, e à qual se pode atribuir um caráter elementar” (FREUD, 2011, p. 57-58). Os vínculos estabelecidos num grupo são, pois, libidinais e aglutinadores, mas, diante da ameaça de perigo (real ou não), dão lugar à manifestação de outra face dessa *mesma* aglutinação até então recalcada, a da agressividade desmedida.

Nos anos 1960, Elias Canetti (1905-1981) analisou as massas ou multidões a partir da violência que presenciou nas ruas de Viena e Berlim na época nazifascista. Para ele, a massa aparece num movimento ondular: por um lado, ela se dissolve com facilidade, é temporária; por outro, sempre existe a possibilidade de sua reorganização – e assim por diante. São quatro as suas características. Ela (a) “*quer crescer sempre*”; (b) “[em seu] *interior reina a igualdade*”; (c) “*ama a densidade*”; e (d) “*necessita de uma direção*” (CANETTI, 2011, p. 28). Quarenta anos depois, Peter Sloterdijk retoma as ideias de Canetti, mas encarece “uma mudança radical da sociedade moderna” em que o “estado de agregação como pluralidade organizada” se modifica profundamente, pois “as massas atuais pararam essencialmente de ser massas de reuniões e ajuntamentos; elas entraram num regime no qual o caráter de massa não se expressa pela reunião física, mas na participação em programas de meios de comunicação de massa” (SLOTERDIJK, 2002, p. 20). Em sentido contrário, na mesma época, Antonio Negri e Michael Hardt pensam a *Multidão* (*Moltitudine, Multitude*) como capaz de substituir a noção marxista de *proletariado* e, assim redefinir, a luta de classes. Para eles, a multidão é poética, criativa e transformadora por ser composta de um conjunto de “singularidades plurais” que “contrastam [...] com a unidade indiferenciada do povo” (NEGRI; HARDT, 2005, p. 139). Diferentemente do povo, a constituição e a ação da multidão se baseia “naquilo que as singularidades têm em comum” (NEGRI; HARDT, 2005, p. 140). É, pois, a multidão como multiplicidade sem conta, homóloga aos circuitos e às redes da internet.

Podemos dizer que Canetti continua na linhagem de Le Bon, Tarde e Freud, para os quais a ideia de massa sempre esteve ligada ao estado de hipnose, de alienação a determinado discurso, a um líder, a um meio de comunicação, sendo um estado mental (a “alma da massa”) fortemente afetivo, demandante de orientação e comando. Sloterdijk, ao falar de “massa não reunida e não reunível na sociedade pós-moderna” (2002, p. 21), não os contradiz, mas acentua o fato de que não haver presença física (que Tarde adscreveria ao *público*) não significa que não seja massa, pois estão ligados pelos (e aos) meios de comunicação. Negri e Hardt é que destoam dos demais ao colocarem a multidão como conjunto de singularidades, como multiplicidade e vigor das diferenças

## PERGUNTAS

A perspectiva da teoria polar das formações e da teoria geral dos vínculos que descrevemos supõe um campo transferencial genérico e homogêneo no qual se desempenham as Formações do Haver. Daí a ideia básica implícita na hipótese enunciada no início: *a comunicação acontece segundo uma ordem vincular composta pelos vínculos primários e secundários mais o vínculo absoluto*. No caso da massa, temos uma forte pressão dos vínculos relativos (primários e secundários) no sentido de sua compactação quando ela se forma, ou de seus afrouxamento e desatamento, quando ela se desfaz. Segundo Freud (2011), na formação da massa predominam a concentração, a aglomeração e a junção sintomáticas resultantes da transferência

e da identificação com alguma formação dominante (o líder). Nesta aglomeração, massificação ou maranha vincular intensificam-se os afetos e inibem-se as possibilidades de pensamento. Dizemos, então, hoje, que a massa se desfaz – por exemplo, em caso de pânico – mediante a *indiferenciação* (neutralização) das polaridades dos vínculos afetivos (libidinais) que a constituíam. Mais que *sugestão* (ênfatizada por Le Bon) ou *imitação* (Tarde), Freud propõe a ideia de *libido* (movimento da pulsão) como chave para o entendimento não só da massa, mas de toda ordem vincular: as *relações amorosas* (vínculos relativos) constituem a essência da alma das multidões.

A partir desses indicativos, para concluir nosso ponto, proporemos a seguir algumas perguntas como linhas de análise para os recentes movimentos sociais de rua ocorridos no Brasil:

a) Jean Baudrillard (1929-2007), outro autor importante sobre o papel das massas na segunda metade do século 20, diz que “o processo da massa e o dos meios de comunicação são um processo único. *Mass(age) é a mensagem*” (BAUDRILLARD, 1985, p. 38-9). A ideia de que massa e meio sejam um processo único só reforça o fato de a massa ser um aglomerado de formações vinculares (portanto, sintomáticas) constituído pelo domínio que certas formações exercem sobre outras. Assim, nas múltiplas configurações que vemos nas manifestações atuais, mesmo absorvendo os meios de comunicação, a massa continuaria sendo expressão de naipes de vínculos já conhecidos (políticos, religiosos, estéticos, sexuais, econômicos). Pergunta: o líder ou a liderança visível não estará sendo substituído por uma ideia ou um sentimento anterior que, embora difuso por conta de seu enredamento virtual, não é menos unificador sintomático da massa?

b) Vários analistas consideram a atual ordem de arrumação vincular como resultado da disponibilidade de meios eletrônicos de comunicação em rede (Facebook, Twitter, WhatsApp). Como estes meios amplificam em escala nunca vista o poder de ação de grupos anteriormente sem chance de expressão, seus poderes de mediação começam a ser progressivamente explorados quanto à capacidade de desconfigurar, derrogar ou mesmo derrotar os meios anteriormente hegemônicos. Pergunta: se, hoje, dados os meios de comunicação, a anterior massa de ajuntamento (corpos em presença) está virtualmente distribuída pelos mais diversos espaços, não continua ela, *por isso mesmo*, mentalmente em *estado de massa* justo pelo fato de as pessoas estarem ligadas aos mesmos meios de comunicação?

c) Para Negri, Hardt e seus comentadores, o aspecto revolucionário da multidão está no fato de ser uma infinidade singular de não representáveis. Para afirmarem isto retomam os conceitos de “carne do mundo”, de Merleau-Ponty, e o de “mônada”, de Leibniz. Entretanto, Tarde, mais refinadamente, já propusera “uma sociologia da pulverização e da aglutinação das mônadas em qualquer nível” (MAGNO, 2010, p. 117). Isto, sem falar em luta de classes ou proletariado. Pergunta: esta característica – infinidade singular – não é precisamente aquela que desfaz qualquer multidão?

d) A transformática pensa a comunicação como *transa*. Nela, o que acontece é pulverização e aglutinação das *formações* no Haver. Já as singularidades são dispersas no mundo, e não se organizam em nenhuma multidão (MAGNO, 2010, p. 117). Falar em multidão já é falar em algo *classificável*, em concentração sintomática e reafirmação de vínculos primários e secundários. Reiteração de alienação, portanto. Por outro lado, ao exercer sua competência de *indiferenciação* dos vínculos relativos para, na sequência, manejá-los da maneira mais artificiosa possível, *cada* pessoa – isto é, *cada* idioformação – é um *dispersoide* pelo mundo e não elemento de multidão (MAGNO, 2010, p. 118). Perguntas: as recentes multidões nas ruas requerendo reconhecimento de suas diferenças e particularidades já se livraram de suas configurações sintomáticas anteriores? Não se juntariam elas apenas porque, como dito no item *b* acima, há *meios* tecnológicos para tanto?

e) Experimentamos, hoje, concretamente, em larga escala, o que Freud chamou de *retorno do recalçado*. Ele se possibilitou muito pela disseminação das ideias psicanalíticas ao longo do século 20 e foi potencializado pela difusão das tecnologias digitais de comunicação e dos poderes que estas adquiriram nas últimas décadas. Demandas e desejos de toda ordem, antes reprimidos e sem meios de expressão, circulam agora nas redes sociais e colaboram na organização de inusitadas formas de ação e intervenção. Perguntas: seres vinculares que somos (em nível primário e secundário), mas, acima de tudo, inarredavelmente vinculados ao Haver (vínculo absoluto) – do qual não há saída possível, pois não-Haver não há –, quais expedientes de dessintomatização são adequados[17] para lidar com as situações atuais? É possível – mediante o entendimento da operação do revirão e do ponto de indiferenciação nele embutido – reconhecer o deslocamento atual das certezas sintomáticas (MAGNO, 2013, itens 4 e 5) e, ao invés de recorrer a expedientes anteriores, buscar o recurso político a uma *negociação permanente* entre as polarizações e diferenças em conflito no sentido da produção de soluções provisórias e *ad hoc* como alternativa à barbárie ou ao totalitarismo sempre à espreita?

A transformática aposta numa resposta afirmativa a esta última pergunta. Esta é, aliás, a posição política da nova psicanálise.

## NOTAS

[1] Cf. o verbete “Manifestações no Brasil em 2013”, na Wikipedia, em que há uma cronologia dos acontecimentos.

[2] Cf. “Anonymous Brasil - As 5 causas!”. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=v5iSn76l2xs>>. Acesso em: 27 jan. 2014.

[3] As cinco causas são: a rejeição ao PEC 37; a renúncia de Renan Calheiros da Presidência do Senado; investigações e punição de irregularidades nas obras da Copa do Mundo; lei que torna a corrupção crime hediondo; e o fim do foro privilegiado para políticos.

[4] Lyotard está ciente de que se trata de uma clivagem simplificada e não a aceita, pois “pertence a um pensamento por oposições que não corresponde às manifestações mais eloquentes do saber pós-moderno” (1986, p. 27).

[5] Continuando a citação, diz Lyotard (1986, p. 28), referindo-se a Jean Baudrillard (1985): “[...] E a passagem das coletividades sociais ao estado de uma massa composta de átomos individuais lançados num absoluto movimento browniano.”

[6] “Freud criou logo de saída aparelhos abstratos que independem de qualquer situação, mesmo que historicamente delongada dentro da espécie como sintoma repetitivo” (MAGNO, 2007, p. 14).

[7] Embora muito utilizada (sobretudo quanto a aspectos ecológicos), esta é uma metáfora ruim, pois a própria ideia de ‘primeira’ natureza é problemática por dizer respeito sobretudo ao biológico e suas decorrências, que, no caso do humano, sempre foram mediados por uma artificialidade (Cf. SILVEIRA Jr., 2006) que se confunde com seu próprio surgimento enquanto espécie.

[8] Esta reformatação ocorreu no âmbito da Escola de Comunicação da UFRJ e está documentada em publicações da época e atuais (Cf. MAGNO, 1988). Além da comunicação, continua reunindo pesquisadores de várias áreas (filosofia, psicologia, pedagogia, arquitetura [ARAUJO, 2011], serviço social). Conforme as obras de MD Magno e de outros pesquisadores em: [www.novamente.org.br](http://www.novamente.org.br). Conforme também “MD Magno” na Wikipedia.

[9] Conceito introduzido em Magno (1986). Considera-se o revirão instalado, de saída, na espécie humana como sua essencial dis-po-ni-bilidade (e não obrigação) para reverter, avessar o que quer que lhe seja apresentado. Acrescente-se que o revirão é também inerente ao que há, ao Haver, e não apenas à espécie.

[10] Trata-se de um ponto de suspensão, ainda que por um átimo, do caráter opositivo das formações que pressionam umas às outras dentro do Haver (entre as quais, a formação chamada “humana”). Suspensão esta produzida por uma indiferenciação (isto é, uma equi-valência das diferenças) dos sentidos de seus polos como permanente possibilidade de passagem, em continuidade, de um polo a outro. É aí que se disponibiliza a criação (não de sínteses, mas) das próteses, que têm caracterizado nosso modo de existir. Não confundir, portanto, indiferenciação com “superação”, dialética ou outra.

[11] Ao que há ou venha a haver, só é dada a possibilidade de haver vincularmente.

[12] “[...] É na absoluta estranheza para com o próximo que encontro a minha absoluta vinculação” (MAGNO, 1994, p. 122).

[13] A neoetologia diz respeito, por exemplo, a vinculações nacionais ou religiosas (portanto, históricas) que insistem em se fundamentar em etnia, cor da pele, sexo anatômico etc.

[14] São artifícios de dois tipos: espontâneos e industriais.

[15] As idioformações de nosso caso terrestre são chamadas de pessoas.

[16] O termo transa é aqui utilizado conceitualmente, englobando não só a ideia de transação (sexual, inclusive), mas também as de transe e transitividade das formações.

[17] Para a teoria polar das formações, trata-se de buscar a adequação maior ou menor de tal configuração em tal momento, sem necessidade de qualquer apego a esta ou àquela formação.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALONSO, Aristides. *A nova mente da máquina e outros ensaios*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2012.
- \_\_\_\_\_. Aspectos do verbo Haver e seu uso na Nova Psicanálise. *Tranz: Revista dos Estudos Transitivos do Contemporâneo*, v. 5, 2010. Disponível em: <[http://www.tranz.org.br/5\\_edicao/TranZ10-Aristides-VerboHaver-RevMD.pdf](http://www.tranz.org.br/5_edicao/TranZ10-Aristides-VerboHaver-RevMD.pdf)>. Acesso em: 28 nov. 2014.
- ARAÚJO, Rosane. *A Cidade sou eu*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2011.
- BAUDRILLARD, Jean. *À sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas*. São Paulo: Brasiliense, 1985 [1978].
- CANETTI, Elias. *Massa e poder*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011[1960].
- DA SILVEIRA JUNIOR, Potiguara Mendes. *Artificialismo total*. Ensaios de transformática. Comunicação e psicanálise. Rio de Janeiro: NovaMente, 2006.
- FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011[1921]. v. 15. p. 13-113.
- \_\_\_\_\_. Além do princípio de prazer. In: \_\_\_\_\_. *ESB*. Rio de Janeiro: Imago, 1976 [1920]. v. 18. p. 13-85.
- GUANDELIN, Leonardo; GAMA, Junia; CARVALHO, Jailton. Rolezinho comportado. *O globo*, Rio de Janeiro, 30 jan. 2014, p. 3.
- HARVEY, David. *A Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1994 [1989].
- LE BON, Gustave. *Psicologia das multidões*. São Paulo: Martins Fontes, 2008 [1895].
- LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986 [1979].
- MAGNO, MD. *A Música*. Rio de Janeiro: Aoutra, 1986 [1982].
- \_\_\_\_\_. *O sexo dos anjos: a sexualidade humana em psicanálise*. Rio de Janeiro: Aoutra, 1988 [1986-87].
- \_\_\_\_\_. *A natureza do vínculo*. Rio de Janeiro: Imago, 1994 [1993].
- \_\_\_\_\_. *“Psychopathia sexualis”*. Santa Maria: UFSM, 2000 [1996].
- \_\_\_\_\_. *Revirão 2000/2001: “Arte da Fuga” e “Clínica da Razão Prática”*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2003a [2000/2001].

\_\_\_\_\_. *Est'Ética da psicanálise: parte II*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2003b [1991]. 2v.

\_\_\_\_\_. *Introdução à transformática*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2004 [1998].

\_\_\_\_\_. *Ars gaudendi: a arte do gozo*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2006 [2003].

\_\_\_\_\_. *Clavis universalis: da cura em psicanálise ou revisão da clínica*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2007 [2005].

\_\_\_\_\_. *A rebelião dos anjos: eleutéria e exousia*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2010 [2007].

\_\_\_\_\_. *ZIG/JAC: MAG: Razão de um percurso*. No prelo.

NEGRI, Antonio; HARDT, Michael. *Multidão: guerra e democracia na era do Império*. Rio de Janeiro: Record, 2005 [2004].

SLOTERDIJK, Peter. *O desprezo das massas: ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002 [2000].

TARDE, Gabriel. *A opinião e as massas*. São Paulo: Martins Fontes, 2005 [1901].

ZARETSKY, Eli. *Secrets of the soul: a social and cultural history of psychoanalysis*. Nova York: Vintage, 2004.